



23 DE NOVEMBRO DE 2016

Quarta-feira

- INDÚSTRIA NACIONAL GASTA R\$ 130 BI POR ANO COM SEGURANÇA
- TERMINAL DE CONTÊINERES DE PARANAGUÁ CONSEGUE R\$ 588 MILHÕES NO MERCADO PARA OBRAS DE AMPLIAÇÃO
- VOLKSWAGEN QUER SER LÍDER MUNDIAL DE CARROS ELÉTRICOS PARA SUPERAR 'DIESELGATE'
- BANCO DO BRASIL E CAIXA ECONÔMICA DECIDEM "ENCOLHER" PARA LUCRAR MAIS
- ESTUDO MOSTRA ESTAGNAÇÃO NA REDUÇÃO DA DESIGUALDADE NO BRASIL ENTRE 2011 E 2014
- DADOS RECENTES REFORÇAM PESSIMISMO PARA EMPREGO ATÉ 2º TRI DE 2017, DIZ FGV
- RECEITA DIVULGA REGRAS PARA DECLARAÇÃO DE IR RETIDO NA FONTE EM 2017
- CONSUMIDORES ESPERAM INFLAÇÃO DE 9,2% EM 12 MESES A PARTIR DE NOVEMBRO, DIZ FGV
- COMPRAS DE AÇO PELA REDE DE DISTRIBUIÇÃO CRESCEM 4,8% EM OUTUBRO, DIZ INDA
- INDICADORES DE DESEMPENHO AGREGADO REFLETEM DIFICULDADE DE RETOMADA, DIZ BNDES
- IBGE: TAXA DE DESOCUPAÇÃO MAIS FORÇA DE TRABALHO POTENCIAL FOI DE 16,8% NO 3º TRI
- DÉFICIT DO SETOR EXTERNO DEIXOU DE SER PONTO DE MAIOR PREOCUPAÇÃO, DIZ BC
- INVESTIMENTO DIRETO NO PAÍS SOMA US\$ 8,400 BI EM OUTUBRO, REVELA BC
- FALTOU TRABALHO PARA QUASE 23 MILHÕES DE BRASILEIROS NO 3º TRIMESTRE
- MINISTROS E REPRESENTANTES DO BNDES BUSCAM INVESTIDORES NA ESPANHA
- AÇÕES DA VALE SOBEM MAIS DE 7% E LIDERAM GANHOS DA BOLSA; DÓLAR AVANÇA
- DEMANDA DAS EMPRESAS POR CRÉDITO CAI EM OUTUBRO
- VOLKSWAGEN PLANEJA ABANDONAR CARROS A DIESEL NOS EUA, DIZ JORNAL

- ANFIR TRAZ CLIENTES ESTRANGEIROS A SÃO PAULO
- FORD REABRIRÁ 3º TURNO EM CAMAÇARI
- SEGURADORAS BRITÂNICAS PEDEM LEGISLAÇÃO PARA CARROS AUTÔNOMOS
- CARROS AUTÔNOMOS TERÃO CENTRO DE TESTES NOS ESTADOS UNIDOS
- VOLKSBUS LEVA DOIS NOVOS CHASSIS À FETRANSRIO
- TAKATA DEVE SER VENDIDA ATÉ O FIM DO ANO
- SÉRGIO HABIB PÕE FOCO EM MERCADO DE USADOS
- PESQUISA REVELA QUE METADE DAS EMPRESAS BRASILEIRAS ESTÃO INVESTINDO EM TRANSFORMAÇÃO DIGITAL
- IMIGRAÇÃO DE TRABALHADORES QUALIFICADOS PARA SÃO PAULO AUMENTOU NOS ÚLTIMOS ANOS
- SIDERÚRGICAS VÃO ELEVAR PREÇOS DE AÇO A DISTRIBUIDORES EM DEZEMBRO, DIZ INDA
- VENDA DE AÇO PLANO POR DISTRIBUIDORES NO BRASIL CAI 8,3% EM OUTUBRO, DIZ INDA
- MAIOR CIDADE PRODUTORA DE AÇO DA CHINA FECHARÁ MAIS FÁBRICAS CONTRA POLUIÇÃO
- SECRETARIA VÊ DUMPING EM EXPORTAÇÕES DE AÇO PLANO AO BRASIL, MAS PEDE MAIS INFORMAÇÕES
- CONSUMO DE AÇO NO PAÍS RETROCEDEU UMA DÉCADA, AFIRMA USIMINAS
- DEMANDA POR LINHA BRANCA SÓ VOLTARÁ NO FIM DO ANO QUE VEM
- TRABALHAR EM FAMÍLIA É A REALIDADE NA MAIORIA DOS PEQUENOS NEGÓCIOS BRASILEIROS
- SISTEMA TRIBUTÁRIO NACIONAL É INJUSTO, AFIRMAM ESPECIALISTAS
- INADIMPLÊNCIA DOS PEQUENOS NEGÓCIOS ATINGE NÍVEL RECORDE
- OPERÁRIOS DA PARANAPANEMA TÊM ACORDO E ENCERRAM GREVE

CÂMBIO		
EM 23/11/2016		
	Compra	Venda
Dólar	3,406	3,407
Euro	3,594	3,597

Fonte: BACEN

Indústria nacional gasta R\$ 130 bi por ano com segurança

23/11/2016 – Bem Paraná

Todos os anos a indústria brasileira de transformação gasta cerca de R\$ 130 bilhões com segurança privada e com perdas decorrentes de roubo de cargas e vandalismo, de acordo com estudo publicado nesta terça (22) pela CNI (Confederação Nacional da Indústria).

As informações são da Agência Brasil. O documento "Deficiência na Segurança Pública Reduz Competitividade do Brasil" avalia que a redução de investimentos e o redirecionamento de recursos para gastos não produtivos, como os relativos à prevenção e combate ao crime, afetam o crescimento das empresas a longo prazo.

A estimativa é baseada em um dado do Banco Mundial, de 2009, que diz que 4,2% do faturamento anual das empresas brasileiras é consumido por gastos com segurança, que poderiam ser aplicados em outros setores das companhias.

Para chegar ao valor final (R\$ 130 bilhões), a CNI considerou a receita bruta da indústria de transformação levantada pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) e aplicou a porcentagem do Banco Mundial.

Segundo levantamento do Fórum Econômico Mundial, das 138 economias avaliadas, a brasileira está desde 2006 entre as 25% piores colocadas no indicador de custos com violência. Em 2015, o Brasil ficou atrás de países como Haiti, República Dominicana e Argentina.

CRISE O estudo também defende que, com a crise econômica, os custos com crimes violentos aumentaram ainda mais nos últimos anos. Entre 2010 e 2015, o número de ocorrências de roubo e furto de carga no Brasil cresceu 64%. No mesmo período, houve aumento da demanda por serviços de vigilância e segurança.

Terminal de Contêineres de Paranaguá consegue R\$ 588 milhões no mercado para obras de ampliação

23/11/2016 – Gazeta do Povo



O Terminal de Contêineres de Paranaguá (TCP) receberá R\$ 588 milhões em investimentos no início de 2017 para obras de ampliação de sua estrutura. O cais de atracação do terminal – que hoje tem 880 metros – será aumentado em 220 metros, passando para 1.100 metros de extensão. Outra obra planejada é a construção de dolphins exclusivos para a atracação de navios que fazem transporte de veículos.

Além disso, a retroárea do terminal (área de armazenagem) será ampliada de 320 mil m² para 500 mil m². Com as obras, o TCP aumentará a capacidade de atender 1,5 milhão de contêineres por ano (TEUs, unidade equivalente a um contêiner de 20 pés) para 2,5 milhões de contêineres por ano, estando pronto para atender o volume de mercado dos próximos 30 anos.

Segundo Luiz Antônio Alves, CEO da TCP, empresa concessionária do terminal, o objetivo principal não é, apenas, aumentar o volume de carga atendido. "O ponto

principal dessas obras é melhorar a nossa produtividade e a qualidade do serviço que oferecemos aos clientes. Poderemos atender navios maiores e fretes mais competitivos, podendo trabalhar com custos menores”, comenta.

Hoje, o Terminal de Contêineres de Paranaguá atende 70 navios por mês e 2 mil caminhões por dia, além de duas composições ferroviárias. A previsão é que as obras criem uma oferta de 3 mil empregos na região. “Além disso, um terminal de grande porte como esse trará um ótimo impacto para todos os exportadores e importadores da região”, completa Alves.

Recursos

Os recursos foram obtidos através da emissão de 588 mil debêntures (títulos de dívidas) simples para investidores no mercado de capitais, não conversíveis em ações. O valor nominal unitário foi mil reais, com prazos de três, cinco e seis anos.

Para o CEO da TCP, o sucesso da emissão das debêntures é um marco importante na história da empresa. “Esta foi a primeira vez que acessamos o mercado de capitais e o resultado superou nossas expectativas, já que o interesse consideravelmente foi maior do que inicialmente imaginávamos”, afirma.

O valor alcançado com as ordens de compras – emitidas pelo banco BTG Pactual e pela XP Investimentos, responsáveis pela operação – ultrapassou os R\$ 700 milhões (apenas 588 mil títulos foram emitidos).

As obras de ampliação, que estão previstas para terminar no final de 2018, são a contrapartida da renovação do contrato, que arrenda o terminal à concessionária TCP por mais 25 anos. O primeiro contrato foi assinado em 1998.

Volkswagen quer ser líder mundial de carros elétricos para superar 'dieselgate'

23/11/2016 – Gazeta do Povo



A Volkswagen anunciou sua intenção de se transformar em líder mundial dos carros elétricos antes de 2025, em uma tentativa de deixar definitivamente para trás o escândalo dos motores a diesel adulterados.

O mercado americano, onde o escândalo estourou, terá um papel-chave nessa transformação, segundo o presidente da marca Volkswagen, Herbert Diess, explicando que o objetivo é começar a construir carros elétricos na América do Norte a partir de 2021.

“Em 2025 queremos vender um milhão de carros elétricos ao ano e também ser líderes mundiais em eletromobilidade”, disse Diess na apresentação de seu projeto, ocorrida nesta terça-feira (22), em Wolfsburg, sede do grupo Volkswagen que também comercializa outras marcas.

“O avanço nos carros será o selo da Volkswagen”, ressaltou. No Salão de Paris deste ano, a fabricante revelou o ID Concept, que é tido pela Volkswagen como um projeto

para revolucionar o mercado, tal qual fez o Fusca. A estreia do ID no mercado está programado para 2020.

Ele não será o primeiro elétrico da Volks, que já plugou na tomada o up! e o Golf, mas deve ser o pioneiro em diversas tecnologias, entre elas a da condução autônoma total.



A guinada aos carros elétricos será possível com novos investimentos e economias de escala, segundo Diess, e significa também uma tentativa de reinventar-se após o 'dieselgate'.

Na sexta-feira (18), a Volkswagen já havia anunciado um plano histórico para reduzir 30 mil postos de trabalho e poupar 3,7 bilhões de euros (R\$ 13,2 milhões) ao ano até 2020, aumentando ao mesmo tempo o investimento tecnológico nos carros elétricos e sem motorista e em digitalização.

"Nos próximos dez anos nossa indústria precisa se submeter mais do que nunca a mudanças fundamentais", falou o executivo, que prevê um avanço significativo dos veículos elétricos nos quatro ou cinco próximos anos, estimulado pelas preocupações ambientais.



"Para a maioria dos consumidores, o carro elétrico logo será a melhor alternativa", apontou.

A guinada da principal marca do grupo Volkswagen coincide com a vontade de deixar definitivamente para trás sua pior crise da história, quando no ano passado admitiu ter adulterado 11 milhões de veículos a diesel para que parecessem menos poluentes. Entre os carros afetados estavam modelos Volkswagen, como também de outras marcas do grupo, como Audi, Seat e Skoda.

O escândalo atingiu gravemente as vendas e a reputação de uma das companhias alemãs consideradas mais sólidas até então, levando o grupo a registrar perdas pela primeira vez em 20 anos.

"Eletrizar a América"

Mesmo antes do escândalo, a Volkswagen já tinha problemas de rentabilidade por causa dos altos custos e da baixa produtividade.

"A imagem da nossa marca sofreu com a crise do diesel, muita gente já não confia em nós", admitiu o presidente da Volkswagen, explicando que seu objetivo é "recuperar essa confiança".

Os consumidores americanos foram especialmente duros com a montadora, uma marca que nunca foi muito popular no país.

Isso é algo que a fabricante quer mudar, com uma campanha chamada "Electrify America", que começará a produzir carros elétricos a partir de 2021. Alguns especialistas, no entanto, são céticos quanto a essa mudança.

O analista Frank Schwope, do banco Nord/LB, lembra que a Volkswagen já concordou em pagar nos Estados Unidos US\$ 14,7 bilhões (quase R\$ 50 bilhões) em compensações após o acordo com as autoridades.

Os Estados Unidos "são um poço sem fundo" para a marca considerando que chegarão novas reclamações, considera Schwope.

Ao contrário, Stefan Bratzel, especialista da indústria do automóvel, é mais otimista. "Não será fácil, mas não é impossível porque na América existe uma cultura das segundas oportunidades", disse.

Segundo as previsões da Volkswagen, sua nova estratégia deveria triplicar a margem de lucro de 2% de 2015 para 6% em 2025.

Uma meta realista, segundo Bratzel, "considerando que os demais fabricantes já estão conseguindo margens parecidas".

Banco do Brasil e Caixa Econômica decidem "encolher" para lucrar mais

23/11/2016 – Gazeta do Povo

Depois de oito anos de expansão, os dois bancos anunciam o fechamento de 500 agências e o corte de quase 30 mil vagas



Banco do Brasil e Caixa Econômica passaram os últimos oito anos avançando sobre o terreno dos bancos privados no mercado de crédito, movimento que foi acompanhado por uma forte expansão no quadro de funcionários. Agora, sob novo comando e em meio à pior recessão da história, os bancos estatais decidiram recolher parte de suas tropas. Nos últimos dias, eles anunciaram planos de fechar cerca de 500 agências e cortar quase 30 mil empregados.

O objetivo é reduzir despesas e recuperar a rentabilidade perdida. Se não lucrarem mais, os dois bancos terão dificuldades para cumprir as exigências de capital que entram em vigor até o fim da década. A alternativa seria um socorro do Tesouro, visto como pouco provável num momento em que o governo tenta convencer a sociedade a aceitar sacrifícios para tirar as contas públicas do vermelho.

"Tanto bancos públicos quanto privados têm o desafio de ter um capital mais robusto e mais puro no futuro, ou seja, que não esteja ligado à emissão de dívida", diz Luis Miguel Santacreu, analista da agência de classificação de riscos Austin Rating. "Banco do Brasil e Caixa, que têm atuação nacional e estruturas que ficaram muito grandes nos últimos anos, vão precisar aumentar a rentabilidade. E uma das formas de gerar mais resultado é a redução de custos."

A rentabilidade dos bancos públicos é muito inferior à das principais instituições privadas. O retorno sobre o patrimônio líquido do BB é de 9,9% e o da Caixa, 6,5%. Os índices do Itaú e do Bradesco estão em 19,9% e 17,6%, respectivamente.

CORTES

O BB, que emprega 113 mil pessoas e tem mais de 5,4 mil agências, vai incentivar a aposentadoria de até 18 mil funcionários, fechar 402 filiais e transformar outras 379 em postos de atendimento. Com 110 mil empregados e 3,4 mil agências, a Caixa anunciou um plano de aposentadoria incentivada para tirar 11 mil funcionários da folha de pagamento, e estuda fechar 100 agências.

Se elevar os ganhos com uma estrutura inchada já era difícil, ficou ainda mais com a retração da economia. O volume de empréstimos despencou: a carteira de crédito de todo o sistema financeiro, que equivalia a 54% do PIB em setembro de 2015, caiu para 50,8% um ano depois.

“Os bancos precisam ganhar escala e ficar mais eficientes, principalmente agora que a rentabilidade caiu. Caiu porque há menos oferta de crédito, mais inadimplência, mais provisões contra calotes”, explica o consultor Roberto Luis Troster.

Luiz Satoru, professor do curso de Administração da Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado (Fecap), observa que os bancos privados são mais ágeis e já vinham reagindo ao novo cenário. “Os bancos públicos terão que fazer uma cirurgia bariátrica para perder peso”, compara.

Apenas entre junho de 2015 e junho de 2016, o Itaú fechou 229 agências e o Bradesco, 142, sem contar a rede herdada do HSBC, que ficou estável nesse período. O próprio Banco do Brasil, sem muito alarde, eliminou 100 filiais nos mesmos 12 meses.

Especialistas destacam que a queda no número de locais de atendimento também está ligada à mudança de hábito dos correntistas. Um número crescente de clientes realiza quase todas as transações via internet e há tempos não põe os pés numa agência bancária.

Fatia dos bancos estatais no crédito saltou de 34% para 57% desde 2008

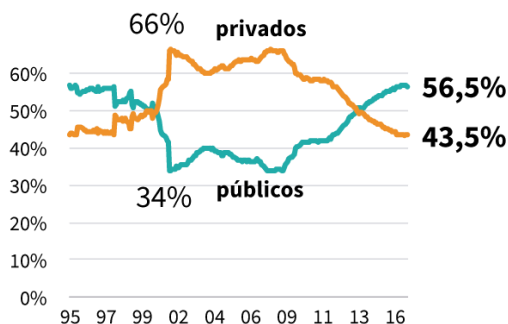
A participação de todos os bancos estatais no volume de empréstimos saltou de 34% em setembro de 2008 – às vésperas do estouro da bolha do crédito imobiliário nos EUA – para 56,7% em julho deste ano. Em seguida recuou um pouco, chegando a 56,5% em setembro. Nesses mesmos oito anos, o total de funcionários de BB e Caixa saltou de 166 mil para 223 mil.

Primeiro, os bancos públicos aproveitaram que os concorrentes privados bateram em retirada do mercado durante a crise financeira global de 2008/2009. Depois, entre 2012 e 2014, comandados por Dilma Rousseff, promoveram uma “guerra de juros” para baixar o custo do dinheiro.

Mais empréstimos

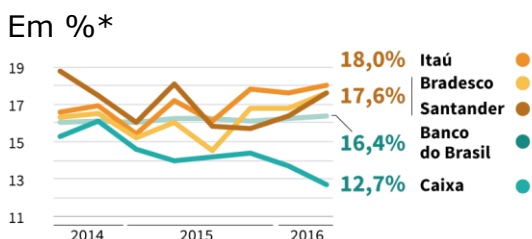
Usados pelo governo no combate à crise financeira de 2008/2009, os bancos públicos ganharam muito terreno no mercado de crédito. Depois de atingir o menor nível no fim de 2007, sua fatia no total de empréstimos voltou aos níveis de 1995.

Bancos públicos e privados no crédito



Mais riscos

Os principais bancos brasileiros cumprem com alguma folga as exigências de capital do Banco Central. O índice de Basileia, que reflete a capacidade de honrar compromissos, está acima do mínimo de 11% em todos os casos. Mas a situação dos bancos privados é bem mais folgada. E a da Caixa piorou neste ano.



*Divisão do patrimônio do banco pelo total emprestado. No caso da Caixa, por exemplo, para cada R\$ 100 emprestados, o banco tem patrimônio de R\$ 12,7.

Enxugamento

Os bancos privados estão enxugando mais rapidamente sua estrutura de atendimento.

	Junho 2015	Junho 2016	variação
Banco do Brasil	5.544	5.444	-100
Caixa	3.403	3.406	3
Itaú	3.837	3.608	-229
Bradesco + HSBC	5.487	5.347	-140
Santander	2.645	2.659	14

Fonte: Banco Central, BancoData. Infografia: Gazeta do Povo.

Estudo mostra estagnação na redução da desigualdade no Brasil entre 2011 e 2014

23/11/2016 – Tribuna PR

O Brasil perdeu a batalha para redução da desigualdade nos primeiros quatro anos desta década. Estudo feito pelo Programa das Nações Unidas para Desenvolvimento (Pnud) em parceria com o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e a Fundação João Pinheiro mostra que a distância entre grupos mais ricos e mais pobres da população seguiu inalterada entre 2011 e 2014 e com diferença considerada pouco expressiva com relação a 2000.

Uma das coordenadoras do trabalho, a Andrea Bolzon, do Pnud, avalia que programas de transferências de renda e a política de valorização do salário mínimo exerceram uma proteção de grupos mais vulneráveis, mas, sozinhos, não foram suficientes para diminuir a grande distância entre ricos e pobres.

Para avançar na redução dessa diferença, avalia, seria importante a adoção de outras medidas, como, por exemplo, a taxação de grandes fortunas.

Para autores, não há ainda como se mensurar qual o impacto das propostas de ajuste econômico feito pelo governo nos indicadores de desenvolvimento humano do País. “Temos de aguardar”, avaliou Marco Costa, um dos autores do trabalho.

O estudo lançado nesta terça-feira, 22, é batizado de Radar IDHM (Índice de Desenvolvimento Humano de Município). Os resultados são obtidos a partir da análise das informações da Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílios (PNAD) e têm como objetivo “atualizar” um outro indicador, o IDHM que, por sua vez, é feito a partir dos dados do Censo, coletados a cada 10 anos.

Tanto Radar IDHM como o IDHM são compostos por três indicadores de desenvolvimento humano: longevidade, educação e renda. O índice varia de 0 a 1. Quanto mais próximo de 1, maior o desenvolvimento humano. São cinco classificações: muito baixo, baixo, médio, alto e muito alto.

Os dados do Radar IDHM mostram que, apesar da crise, os indicadores de desenvolvimento humano no Brasil melhoraram ao longo de 2011 e 2014. No período, afirmam os autores, a expectativa de vida melhorou, os anos de estudo aumentaram e até mesmo a renda se elevou. O relatório atribui o avanço no início da década à natureza dos dados. Os indicadores avaliados teriam sensibilidade diferente ao desempenho da economia. Os efeitos da crise também seriam amortizados em parte pela rede de proteção social existente no País.

A melhora foi mantida, mas numa velocidade muito menor do que em outros períodos. O IDHM apresentou um crescimento anual de 1% entre 2011 e 2014. O ritmo foi inferior ao crescimento apresentado na década 2000-2010, quando a média de crescimento do IDHM foi de 1,7% ao ano – uma redução de 41%.

A longevidade e a educação cresceram no período, mas também num ritmo menor do que o identificado entre 2000 e 2010. A queda na velocidade foi, respectivamente, de 50% e 55%.

Autores do trabalho mostraram-se especialmente preocupados com o desempenho na área da educação. “Esse é o grande gargalo”, constata Andrea. O documento chama a atenção, por exemplo, para a estagnação no percentual de pessoas com 18 anos ou mais que apresentem ensino fundamental completo. Em 2011, representavam 60,1% do total. Em 2014, eram 61,8%.

Curiosamente, a renda apresentou nos primeiros quatro anos desta década um avanço mais rápido do que entre 2000 e 2010. Pesquisadores não esconderam a surpresa com os dados da renda e lançaram dúvidas sobre o que vai acontecer com próximos dados, sobretudo com o agravamento da crise econômica.

As diferenças existentes no Brasil ficam evidentes quando se analisa os dados de Estados. Em Santa Catarina, a esperança de vida ao nascer é de 78,4 anos – 14 a mais do que a esperança de nascidos no Maranhão. As oportunidades de renda também destoam de acordo com a localização. A renda per capita no Distrito Federal, de R\$ 1.606, é quatro vezes maior do que a apresentada em Alagoas, R\$ 414.

Tamanha disparidade se reflete nos indicadores do País. O Brasil apresenta um mix de classificações de desenvolvimento humano. No quesito educação, por exemplo, são encontrados Estados com todas as classificações de IDH.

Pará e Sergipe são considerados de baixo desenvolvimento humano. Outros 16 são classificados como de médio desenvolvimento, oito estão no grupo de alto

desenvolvimento e São Paulo, considerado como de desenvolvimento humano muito alto.

Dados recentes reforçam pessimismo para emprego até 2º tri de 2017, diz FGV

23/11/2016 – Tribuna PR

Os dados recentes do mercado de trabalho reforçam o cenário de pessimismo para o emprego até o segundo trimestre de 2017, quando finalmente a taxa de desocupação deve começar a se estabilizar. A avaliação é do pesquisador do Centro de Pesquisa Econômica Aplicada do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getulio Vargas (Ibre/FGV) Tiago Barreira.

Os resultados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua) divulgados nesta terça-feira, 22, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mostram que a taxa de desemprego atingiu patamar recorde no terceiro trimestre em 19 unidades da federação. Em São Paulo, a taxa de desocupação alcançou 12,8%, acima da média nacional de 11,8%.

“Vemos perspectiva de piora do desemprego até o primeiro trimestre do ano que vem. A taxa de desocupação começa a ficar estável no segundo trimestre, e no terceiro trimestre começamos a ter queda no desemprego”, previu Barreira.

No caso de São Paulo, o patamar recorde de desemprego tem relação com as dispensas de trabalhadores da indústria e do setor de serviços, estimou o pesquisador. “É uma região com uma concentração grande de indústria e do setor de serviços. O mercado de trabalho fica mais exposto à queda na atividade. Santa Catarina, por exemplo, é mais dependente de exportações e do agronegócio, então a taxa de desemprego é mais baixa (6,4%)”, apontou Barreira.

Em relação ao terceiro trimestre de 2015, todos os Estados brasileiros registraram aumento na taxa de desemprego este ano. “Não teve nenhum Estado que fosse um ponto fora da curva. Todos apresentaram aumento no desemprego e redução do nível de ocupação”, disse o pesquisador do Ibre/FGV.

Receita divulga regras para declaração de IR retido na fonte em 2017

23/11/2016 – Tribuna PR

A Secretaria da Receita Federal publicou no Diário Oficial da União (DOU) desta quarta-feira, 23, instrução normativa (IN) sobre a Declaração do Imposto sobre a Renda Retido na Fonte relativa ao ano-calendário de 2016 e a situações especiais ocorridas em 2017 (Dirf 2017). De acordo com instrução, a Dirf 2017 deverá ser apresentada até o dia 15 de fevereiro.

A IN da Receita traz o detalhamento das pessoas jurídicas e físicas obrigadas a entregar o documento, dispõe sobre o programa gerador da declaração, determina prazos e penalidades e orienta quanto ao preenchimento da declaração.

Consumidores esperam inflação de 9,2% em 12 meses a partir de novembro, diz FGV

23/11/2016 – Tribuna PR

A mediana da inflação esperada pelos consumidores nos próximos 12 meses ficou em 9,2% em novembro, informou na manhã desta quarta-feira, 23, a Fundação Getulio Vargas (FGV), que divulgou o Indicador de Expectativa de Inflação dos Consumidores. O resultado é levemente superior ao dado de outubro (9,1%).

De fevereiro a outubro, o indicador havia recuado 2,3 pontos percentuais. "Este é um resultado esperado, uma vez que após fortes quedas, a expectativa de inflação dos consumidores tende a se estabilizar.

O importante é observar nesse momento a distribuição das respostas: a proporção de consumidores que acreditam que a inflação ficará abaixo de 7% nos 12 meses seguintes aumentou aproximadamente 19 pontos percentuais nos últimos seis meses.

Tal resultado, aliado a uma tendência de desaceleração dos preços, faz crer que o indicador continuará sua trajetória de queda ao longo dos próximos meses", avaliou o economista Pedro Costa Ferreira, do Instituto Brasileiro de Economia da FGV (Ibre/FGV), em comunicado à imprensa.

A proporção de consumidores prevendo inflação entre 9% e 10% nos 12 meses seguintes caiu de 18,4% em outubro para 15,8% em novembro. A parcela dos que preveem que a inflação dos próximos 12 meses ficará entre a meta (4,5%) e o limite superior de tolerância (6,5%) do Banco Central aumentou de 9,4% para 11,1% no período.

No entanto, houve alta das expectativas de inflação entre as famílias na faixa de renda mais baixa (que recebem até R\$ 2.100,00 mensais): de 9,6% em outubro para 10,0% em novembro, patamar próximo ao de setembro (10,2%). Nas demais faixas de renda, a expectativa de inflação dos consumidores ficou estável ou recuou.

O Indicador de Expectativa de Inflação dos Consumidores é obtido com base em informações coletadas no âmbito da Sondagem do Consumidor. Produzidos desde setembro de 2005, os dados vinham sendo divulgados de forma acessória às análises sobre a evolução da confiança do consumidor. Desde maio de 2014, porém, as informações passaram a ser anunciadas separadamente.

A Sondagem do Consumidor da FGV coleta mensalmente informações de mais de 2,1 mil brasileiros em sete das principais capitais do País. Cerca de 75% destes entrevistados respondem aos quesitos relacionados às expectativas de inflação.

Compras de aço pela rede de distribuição crescem 4,8% em outubro, diz Inda

23/11/2016 – Tribuna PR

As compras de aço pela rede de distribuição em outubro de 2016 subiram 4,8% em relação ao mesmo mês de 2015, totalizando 272,9 mil toneladas, de acordo com dados divulgados nesta terça-feira, 22, pelo Instituto Nacional dos Distribuidores de Aço (Inda). Em relação a setembro, as compras cresceram 3,7%. O volume inclui chapas grossas, laminados a quente, laminados a frio, chapas zincadas a quente, chapas eletro-galvanizadas, chapas pré-pintadas e gavalume.

Já as vendas de aços planos realizados pela rede de distribuição mês passado alcançaram 256,2 mil toneladas, o que significou uma queda de 8,3% ante outubro de 2015. Na comparação com setembro, foi registrada alta de 2%.

Com esse desempenho, os estoques da rede de distribuição ficaram em 911,9 mil toneladas em outubro deste ano, o que representou um aumento de 1,9% na relação mensal. O giro dos estoques ficou em 3,6 meses em outubro, estável em relação a setembro.

As importações da rede subiram 50% na relação anual, para 136,4 mil toneladas em outubro. Ante setembro, a expansão foi de 116,8%.

Para novembro, o Inda projeta que tanto as vendas quanto as compras devem recuar 10%.

As vendas da rede de distribuição de aço deverão encerrar 2016 com queda de 5% em relação ao ano anterior, disse o presidente do Inda, Carlos Loureiro. Com isso, o volume no ano ficou em 3,011 milhões de toneladas.

CSN

O salto das importações de aço no mês de outubro é explicada por uma pontual feita pela Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), de 39,5 mil toneladas de laminados a quente, provavelmente vindo da China, disse Loureiro.

2017

As expectativas do Inda é que em 2017 as vendas da rede cresçam 5% em relação a 2016, afirmou Loureiro. Essa projeção, ainda preliminar, considera um crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) para o ano que vem de 1%.

Neste ano, as vendas devem encerrar com recuo de 5% em relação ao ano passado. Em 2015, as vendas já haviam recuado 20% em relação ao ano imediatamente anterior.

Indicadores de desempenho agregado refletem dificuldade de retomada, diz BNDES

23/11/2016 – Tribuna PR

O Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) avalia que seus indicadores de desempenho agregado – informações sobre desembolsos, aprovações e consultas – “seguem refletindo a situação de dificuldade de retomada da economia, não apontando, ainda, para um movimento claro de ascensão na demanda pelos recursos do Banco”.

A análise está em nota técnica divulgada nesta terça-feira, 22, pela instituição de fomento, junto com os indicadores operacionais até outubro deste ano. A equipe técnica do banco levou em conta os dados acumulados em 12 meses, quando os desembolsos seguiram em queda, atingindo R\$ 99,4 bilhões, o que representa uma retração nominal de 32%.

Em bases reais (deflacionadas pelo IPCA), a queda atinge 38%. A redução dos desembolsos foi generalizada, alcançando todas as regiões do País. Na região Norte, as liberações caíram 61%.

Ainda no desempenho em 12 meses, o BNDES destaca que as retrações no Cartão BNDES (-45%) e na linha BNDES Finame (-54%), que financia de forma indireta a aquisição de bens de capital, contribuíram para a queda de 36% nos desembolsos às micro, pequenas e médias empresas (MPMEs), em valores correntes.

Acumulado do ano

Os desembolsos também recuaram na comparação do acumulado do ano (janeiro a outubro) com igual período do ano passado. Nessa base, o banco de fomento desembolsou R\$ 68,969 bilhões, queda nominal de 35% em relação a igual período de 2015.

Apesar da retração, o BNDES ressalta linhas que tiveram desempenho positivo. Os desembolsos do BNDES Automático cresceram 11%. Os destaques, diz a nota, ficaram por conta dos programas agrícolas do Governo Federal, cujos desembolsos atingiram R\$ 12,2 bilhões – alta de 11% frente ao mesmo período de 2015 – e do BNDES Progeren (programa destinado a financiar capital de giro das empresas), que respondeu por R\$ 1,6 bilhão – alta de 54% em relação ao acumulado de janeiro a outubro de 2015. No Progeren, dois terços dos recursos foram para MPMEs.

O BNDES também destacou os desembolsos para exportação, em especial o aumento de 138% no acumulado do ano no segmento de material de transporte, que inclui o setor de aeronaves. Nessa mesma base de comparação, o apoio total à exportação atingiu US\$ 3,8 bilhões.

IBGE: taxa de desocupação mais força de trabalho potencial foi de 16,8% no 3º tri

23/11/2016 – Tribuna PR

A taxa combinada da desocupação e da força de trabalho potencial foi de 16,8% no terceiro trimestre, segundo os dados da Pesquisa por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua), divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

O resultado abrange as pessoas desocupadas, as inativas que gostariam de trabalhar mas não procuraram trabalho, ou as que procuraram emprego mas não estavam disponíveis para trabalhar.

A chamada força de trabalho potencial soma atualmente 6,1 milhões de pessoas, são aquelas que estão na inatividade, mas têm potencial para voltar à força de trabalho. "O desalento é uma parcela dessa população que está fora da força de trabalho, mas tem potencial para estar dentro dela", lembrou Cimar Azeredo, coordenador de Trabalho e Rendimento do IBGE.

O País tem ainda outros 12 milhões de desempregados, que também entram na conta da taxa. No segundo trimestre de 2016, essa taxa combinada da desocupação e da força de trabalho potencial foi de 16,4%. No terceiro trimestre de 2015, o resultado estava em 12,8%.

No Nordeste, a taxa combinada de desocupação e força de trabalho potencial chegou a 23,6%, enquanto ficou em 10,5% no Sul do Brasil. Alagoas (25,4%), Bahia (24,9%) e Maranhão (24,5%) foram os estados com as maiores taxas, e as menores foram observadas em Santa Catarina (8,1%), Rio Grande do Sul (11,0%) e Paraná (11,4%).

Déficit do setor externo deixou de ser ponto de maior preocupação, diz BC

23/11/2016 – Tribuna PR

O chefe do departamento econômico do Banco Central, Tulio Maciel, avaliou nesta terça-feira, 22, que déficit em conta corrente de US\$ 3,339 bilhões em outubro veio acima do saldo negativo de US\$ 2,8 bilhões esperado pela autoridade monetária porque o superávit da balança comercial veio um pouco menor do os dados apontavam. Mas, segundo ele, o resultado mostra a continuidade da tendência de resultados menores que os de igual período do ano passado.

"O déficit em transações correntes em 12 meses continua recuando. Isso ilustra bem a proporção do ajuste nas contas externas. O déficit das contas externas deixou de ser um ponto de preocupação macroeconômica", comentou.

Ainda assim, adiantou Maciel, o BC irá rever em dezembro a projeção de déficit em transações correntes de US\$ 18 bilhões em 2016. "Esperamos um déficit de US\$ 1,7 bilhão em novembro, e no acumulado do ano já está em US\$ 16,957 bilhões. Portanto, o resultado do ano será um pouco maior que US\$ 18 bilhões", completou.

Fatores

Segundo o diretor do BC, o ajuste nas transações correntes do País tem ocorrido principalmente na balança comercial. "Cerca de dois terços do ajuste decorreu do resultado comercial. Mas a conta de serviços também colaborou para isso", comentou.

Ele destacou que o déficit na conta de viagens vinha recuando até julho na comparação com ano passado, mas voltou a reagir a partir de agosto. "Os últimos dados confirmaram isso, mostrando crescimento das despesas de brasileiros no exterior", afirmou. No mês passado, o déficit nessa conta foi de US\$ 988 milhões com despesas de US\$ 1,421 bilhão e receitas US\$ 434 milhões.

Segundo Maciel, o câmbio tem impacto no resultado, mas o retorno da confiança também influenciou na decisão dos brasileiros em viajarem para o exterior. Tanto que autoridade monetária irá rever sua projeção para a conta de viagens em 2016.

"A estimativa era de déficit de US\$ 7,5 bilhões, mas isso deve ser revisto para cima", afirmou. Até o outubro, o saldo negativo acumulado é de US\$ 6,801 bilhões. Segundo Maciel, em novembro até dia 18, despesas com viagens somam US\$ 515 milhões.

Remessas

O chefe do departamento econômico do Banco Central avaliou que a redução das remessas de lucros e dividendos em 2016 está relacionada a quadro econômico do País. Em outubro, as remessas somaram US\$ 1,559 bilhão. Nos dez primeiros meses do ano, as remessas somam US\$ 13,727 bilhões, abaixo dos R\$ 15,949 bilhões do mesmo período de 2015.

"No acumulado do ano, as remessas são 14% inferiores ao mesmo período do ano passado, que já tinha um volume historicamente baixo", afirmou. "Em novembro até o dia 18, as remessas estão em US\$ 692 milhões, o que mostra a continuidade dessa tendência", completou.

Investimento Direto

Após os Investimentos Diretos no País (IDP) somarem US\$ 8,400 bilhões em outubro, o chefe do departamento econômico do Banco Central informou que a autoridade monetária espera uma entrada de US\$ 6,5 bilhões em IDP em novembro. Até o dia 18, a entrada de investimentos nessa rubrica era de US\$ 4,1 bilhões.

"Isso reflete as oportunidades de investimento que o País oferece. Ainda não temos projeções para o IDP em 2017, mas a nossa expectativa é de que a entrada de investimentos permaneça em patamar elevado, como ocorreu nos últimos anos", avaliou Maciel.

Ações e renda fixa

Ele adiantou que, até o dia 18 de novembro, há uma saída na conta de ações de US\$ 315 milhões, e uma saída de US\$ 2,410 bilhões na conta de renda fixa.

O investimento estrangeiro em ações brasileiras ficou positivo em US\$ 1,603 bilhão em outubro, enquanto o saldo de investimento estrangeiro em títulos de renda fixa negociados no País ficou negativo em US\$ 2,620 bilhões no mês passado.

Segundo Maciel, a taxa de rolagem está de 39% até o dia 18 de novembro, ante a taxa 44% registrada em outubro.

Repatriação

O chefe do departamento econômico do Banco Central disse que apenas 11.700 contribuintes dos cerca de 25 mil que aderiram à chamada Lei da Repatriação de ativos no exterior já realizaram a retificação das declarações de Capitais Brasileiros no Exterior (CBE).

O prazo para a retificação vai até 31 de dezembro e a declaração é obrigatória para todos os contribuintes que tenham mais de US\$ 100 mil no exterior. "O número de retificações cresce a cada dia", disse Maciel.

Investimento Direto no País soma US\$ 8,400 bi em outubro, revela BC

23/11/2016 – Tribuna PR

Os Investimentos Diretos no País (IDP) somaram US\$ 8,400 bilhões em outubro, informou nesta terça-feira, 22, o Banco Central. O resultado ficou acima das estimativas apuradas pelo Projeções Broadcast com 21 instituições financeiras, que iam de US\$ 5,900 bilhões a superávit de US\$ 7,000 bilhões, com mediana de US\$ 6,500 bilhões.

Pelos cálculos do Banco Central, o IDP de outubro indicaria entrada de US\$ 6,5 bilhões. A estimativa da autarquia foi feita com base nos números até 21 de outubro, quando o País havia registrado entrada de US\$ 4,8 bilhões em recursos externos pela conta do IDP.

No acumulado de 2016 até outubro, o ingresso de investimentos estrangeiros destinados ao setor produtivo soma US\$ 54,905 bilhões. Já a estimativa do BC para este ano é de US\$ 70,0 bilhões de IDP.

No acumulado dos últimos 12 meses até outubro deste ano, o saldo de investimento estrangeiro ficou em US\$ 75,056 bilhões, o que representa 4,20% do Produto Interno Bruto (PIB).

Investimento em ações

O investimento estrangeiro em ações brasileiras ficou positivo em US\$ 1,603 bilhão em outubro, informou o Banco Central. Em igual mês do ano passado, o resultado havia sido positivo em US\$ 119 milhões. No acumulado deste ano, o saldo está no azul em US\$ 9,138 bilhões. Pelos cálculos do BC, os investidores estrangeiros deixarão saldo positivo de US\$ 9,0 bilhões em ações este ano no País.

Já o saldo de investimento estrangeiro em títulos de renda fixa negociados no País ficou negativo em US\$ 2,620 bilhões em outubro e negativo em US\$ 21,540 bilhões no acumulado do ano até o mês passado. Para 2016, a estimativa do BC é de saldo negativo de US\$ 18,0 bilhões na renda fixa.

Em outubro do ano passado, essas aplicações em renda fixa estavam negativas em US\$ 2,397 bilhões e, no acumulado de janeiro a setembro de 2015, positivas em US\$ 12,717 bilhões. O saldo foi de US\$ 16,296 bilhões no ano passado.

Taxa de rolagem

O Banco Central informou também que a taxa de rolagem de empréstimos de médio e longo prazos captados no exterior ficou em 44% em outubro. Esse patamar significa que não houve captação de valor em quantidade similar para rolar compromissos das empresas no período. O resultado ficou abaixo do verificado em outubro do ano passado, quando a taxa havia sido de 81%.

De acordo com os números apresentados pelo BC, a taxa de rolagem dos títulos de longo prazo, antes chamados de "bônus, notes e commercial papers", ficou em 2% em outubro. Em igual mês de 2015 havia sido de 33%. Já os empréstimos diretos atingiram 51% no mês passado, ante 131% de outubro do ano anterior.

No acumulado de 2016 até outubro, a taxa de rolagem total ficou em 58%. Os títulos de longo prazo tiveram taxa de 29% e os empréstimos diretos, de 67% no período. O BC costuma trabalhar com uma previsão de taxa de rolagem de 100% em todos os anos, mas para 2016 sua estimativa é de 60%.

Faltou trabalho para quase 23 milhões de brasileiros no 3º trimestre

23/11/2016 – Gazeta do Povo

Mais de 21% dos brasileiros em idade produtiva ficaram desocupados, segundo IBGE



Faltou trabalho para 21,2% das pessoas em idade produtiva no Brasil, o correspondente a 22,9 milhões de pessoas, no terceiro trimestre deste ano. Essa é a chamada taxa composta da subutilização da força de trabalho, que agrega a taxa de desemprego, a taxa de desemprego por insuficiência de horas trabalhadas e a da força de trabalho potencial.

Já no segundo trimestre a chamada taxa de subutilização da força de trabalho foi de 20,9%, segundo o IBGE. No terceiro trimestre de 2015, havia sido de 18%. No Paraná, a taxa ficou em 14,2%.

O indicador soma o contingente de pessoas desocupadas (12 milhões), o de pessoas subocupadas por insuficiência de horas trabalhadas (4,8 milhões de pessoas ou 16,5% do total) e a força de trabalho potencial (6,1 milhões de pessoas ou 16,8% do total).

Pessoas subocupadas por insuficiência de horas trabalhadas são as que trabalham menos de 40 horas por semana, mas gostariam e estavam disponíveis para trabalhar mais. A força de trabalho potencial é formada pelo grupo de pessoas que não estavam trabalhando nem procurando emprego, mas que estavam disponíveis para trabalhar ou que estavam procurando mas não estavam disponíveis quando o IBGE realizou a pesquisa.

Taxa nacional

No último dia 27, o IBGE divulgou os resultados gerais do mercado de trabalho apenas para o total do país. A taxa de desocupação foi de 11,8% no terceiro trimestre.

Desde janeiro de 2014, o IBGE passou a divulgar a taxa de desocupação em bases trimestrais para todo o território nacional. A nova pesquisa substitui a Pesquisa Mensal de Emprego (PME), que abrangia apenas as seis principais regiões metropolitanas, e também a Pnad anual, que produz informações referentes somente ao mês de setembro de cada ano.

Regiões

A maior parte do contingente de 22,9 milhões de pessoas que faz parte dessa taxa composta de subutilização da força de trabalho está nas regiões Sudeste (8,683 milhões) e Nordeste (8,750 milhões). No Norte, são 2,041 milhões de pessoas e no Sul, 2,122 milhões. Já o Centro-Oeste reúne 1,326 milhão de pessoas.

Se na média nacional a taxa de subutilização da força de trabalho é de 21,2%, a taxa do Nordeste é a maior entre as regiões, com 31,4%. Já o Sul é a menor, com 13,2%. No Sudeste, a taxa é de 18,2%.

“A região Nordeste é a que tem maior subutilização da força do trabalho. Mas mesmo a região Sul, com o advento da crise, atinge níveis piores do que tinha no passado”, afirmou o gerente da Coordenação de Trabalho e Rendimento do IBGE, Cimar Azeredo.

A taxa de desemprego subiu em todas as regiões do país na passagem do segundo para o terceiro trimestre, com exceção apenas do Sul, em que passou de 8% para 7,9%. No Norte, passou de 11,2% para 11,4%; no Nordeste, pulou de 13,2% para 14,1%; no Sudeste, avançou de 11,7% para 12,3%; e no Centro-Oeste foi de 9,7% para 10%.

Nos estados

Vinte e duas das 27 unidades da federação tiveram alta na taxa de desemprego entre o segundo e o terceiro trimestre. Em cinco estados (Bahia, Pernambuco, Amapá, Alagoas e Sergipe), o aumento na taxa foi significativo, com pelo menos 3,1 pontos percentuais a mais.

No Paraná, a taxa de desemprego ficou em 8,5%, contra 8,2% no segundo trimestre. No Rio de Janeiro, a taxa de desemprego bateu novo recorde e alcançou 12,1% no terceiro trimestre, o maior nível desde 2012, o início da série histórica. No segundo trimestre, tinha sido de 11,4%.

O desemprego também atingiu recorde no terceiro trimestre em São Paulo, de 12,8%, ante 12,2% no segundo trimestre.

Ministros e representantes do BNDES buscam investidores na Espanha

23/11/2016 – Bem Paraná

Uma comitiva brasileira, incluindo ministros e representantes do BNDES, reuniu-se nesta quarta-feira (23) em Madri com membros do governo espanhol e investidores. Eles apresentaram ao público o PPI (Programa de Parcerias de Investimentos) e o Projeto Crescer, licitação de 34 projetos na área de infraestrutura.

A comitiva liderada pelo chanceler José Serra participava do seminário "Oportunidades de Investimento no Brasil", em que o governo insistiu na mensagem de que o país eliminou as travas burocráticas que dificultavam o investimento externo na infraestrutura brasileira.

"Estamos fazendo modificações profundas nos procedimentos", disse Moreira Franco, secretário executivo do PPI. "O ambiente regulatório era muito frágil e tinha regras que inibiam a concorrência." A Espanha é o terceiro maior investidor individual no Brasil, com histórico de importantes ondas de investimento nos anos 1990 e entre 2008 e 2014. Estavam também no evento em Madri os ministros Maurício Quintella Lessa (Transportes, Portos e Aviação Civil) e Fernando Coelho Filho (Minas e Energia).

O ato foi organizado pela Agência Brasileira de Promoção das Exportações e dos Investimentos e pela Ices, sua equivalente na Espanha. MERCOSUL Serra está em Madri desde segunda-feira (21) em uma agenda focada nas relações de comércio e investimento.

A participação no seminário era seu último compromisso oficial. O chanceler reuniu-se durante a semana com o rei Felipe, o premiê Mariano Rajoy e o ministro de Relações Exteriores Alfonso Dastis. Serra entregou a Rajoy um convite do presidente Michel Temer para que ele visite o Brasil.

Serra esteve também com María Luísa Poncela, secretária de Estado de Comércio, em um encontro para avançar nas negociações do acordo de livre comércio entre o Mercosul e a União Europeia.

O chanceler havia se reunido em setembro em Brasília com Jaime García-Legaz, que foi substituído no cargo nesta semana por Poncela -cuja agenda inaugural foi dominada pelo investimento no Brasil, nestes dias. Em entrevista à Folha García-Legaz afirmou,

no mês passado, que os governo de Michel Temer e Mauricio Macri, na Argentina, podem ajudar a destravar o acordo com o Mercosul.

A Espanha é um dos principais entusiastas das negociações dentro da União Europeia. A França, por outro lado, se opõe. O acordo foi intensamente negociado entre 1999 e 2004, mas travou devido às resistências da Argentina e do setor agrícola europeu.

As discussões foram retomadas e está previsto um encontro em março em Buenos Aires. Brasil e Espanha têm estreitado os laços desde o início do governo de Temer. Rajoy teria pouca afinidade com Dilma Rousseff, afastada da Presidência neste ano. Ambos se reuniram na China, durante a cúpula do G20.

Ações da Vale sobem mais de 7% e lideram ganhos da Bolsa; dólar avança

23/11/2016 – Bem Paraná

A valorização de mais de 6% do minério de ferro na China impulsionou as ações de mineradoras nesta terça-feira (22). No Brasil, os papéis da Vale lideraram os ganhos do Ibovespa, que fechou o pregão em alta de 1,45%, aos 61.954,47 pontos. O giro financeiro foi de R\$ 8,7 bilhões.

O minério de ferro, o aço e outras commodities metálicas se valorizaram com especulações de aumento da demanda mundial em 2017. Somente neste ano, o preço do minério acumula alta de 72%, para perto de US\$ 75 a tonelada. As ações ordinárias (ON) da Vale subiram 7,51% e as preferenciais classe A (PNA) ganharam 6,15%. As ações PN da Bradespar, acionista da mineradora, tiveram alta de 6,80%.

Entre as siderúrgicas, CSN ON, +4,62%; Gerdau PN, +4,21%; e Usiminas PNA, +2,93%. Os papéis da Petrobras também terminaram no campo positivo, apesar da volatilidade dos preços do petróleo no mercado internacional. O papel PN subiu 2,24% e o ON avançou 2,49%.

No setor financeiro, Itaú Unibanco PN subiu 0,33%; Bradesco PN, +0,67%; Bradesco ON, +1,86%; Banco do Brasil ON, +1,23%; e Santander unit, +1,83%. Em Nova York, o índice S&P 500 subia 0,11%; o Dow Jones ganhava 0,33% e o Nasdaq, +0,23%.

Os três índices renovavam as pontuações máximas históricas atingidas na véspera.

Na Europa e na Ásia, a maioria das Bolsas também subiu. **CÂMBIO E JUROS** O dólar teve desempenho misto no exterior nesta terça-feira. No Brasil, o dólar comercial fechou em alta de 0,14%, a R\$ 3,3570, e a moeda americana à vista subiu 0,33%, a R\$ 3,3594. Segundo analistas, importadores aproveitaram a queda da moeda nas sessões anteriores para ir às compras.

O Banco Central rolou 19,815 mil contratos de swap cambial tradicional, equivalentes à venda futura de dólares, no total de US\$ 990,750 milhões. Desta forma, a autoridade monetária terminou a rolagem dos contratos que vencem em 1 de dezembro.

"O BC pode antecipar a rolagem de contratos que vencem nos próximos meses ou mesmo voltar a ofertar novos contratos de swap cambial reverso, caso o dólar volte a subir rápido", avalia Ricardo Gomes da Silva, superintendente de câmbio da Correparti Corretora.

Na semana passada, o dólar ultrapassou os R\$ 3,44, com apostas de uma alta mais acelerada dos juros americanos sob o futuro governo do presidente eleito Donald Trump.

Além da rolagem de contratos de swap cambial que vencem em 1º de dezembro, o BC ofertou novos contratos entre quarta (16) e sexta (18). No mercado de juros futuros,

no entanto, as taxas recuaram nesta terça-feira, refletindo a menor percepção de risco nos mercados financeiros mundiais, mesmo com a valorização do dólar ante o real.

Demanda das empresas por crédito cai em outubro

23/11/2016 – Bem Paraná

A demanda empresarial por crédito caiu 9,9% em outubro na comparação com setembro, de acordo com o Indicador Serasa Experian de Demanda das Empresas por Crédito. Na comparação com outubro do ano passado, houve queda de 10,7%.

No acumulado de janeiro a outubro, a demanda das empresas por crédito teve retração de 1,3% ante o mesmo período do ano passado. As informações são da Agência Brasil.

Segundo a Serasa Experian, a queda da demanda empresarial por crédito em outubro foi puxada pelas micro e pequenas empresas, com recuo de 10,4% ante o mês de setembro. Nas médias empresas houve queda de 1,0% e no caso das grandes houve estabilidade.

Os dados mostram ainda que, no acumulado do ano até outubro, a demanda empresarial por crédito recuou em quatro regiões do país: Norte (-5,8%); Centro-Oeste (-1,9%); Nordeste (-1,0%) e Sudeste (-0,3%).

Houve alta apenas na Região Sul (2,5%). De acordo com os economistas da Serasa Experian, o aprofundamento da recessão econômica, reduzindo a demanda por capital de giro, e as elevadas taxas de juros, tornando o crédito mais caro, tem desestimulado a busca das empresas por crédito.

Volkswagen planeja abandonar carros a diesel nos EUA, diz jornal

23/11/2016 – Folha de S. Paulo



A Volkswagen deve abandonar a venda de carros movidos a diesel nos Estados Unidos, disse Herbert Dies, diretor da companhia para carros de passeio da companhia, ao jornal alemão "Handelsblatt", especializado em negócios.

Segundo o executivo, a decisão foi tomada levando em conta o arcabouço jurídico norte-americano.

No país, os parâmetros exigidos no controle de emissão de nitrogênio são mais rigorosos do que na Europa, segundo a publicação.

A crise que levou a decisão teve início em setembro de 2015, quando a Volkswagen admitiu ter instalado softwares em seus veículos capazes de fraudar testes que mediam os níveis de emissão de poluentes de seus automóveis.

Autoridades regulatórias dos Estados Unidos apontaram que as emissões reais de poluentes dos veículos nas ruas são até 40 vezes maiores do que as demonstradas nos testes.

Como consequência, a montadora suspendeu as vendas de veículos movidos a diesel nos Estados Unidos.

No mês passado, um juiz federal norte-americano aprovou um acordo de US\$ 14,7 bilhões proposto pela Volkswagen para tentar resolver a questão, indenizando consumidores que adquiriram veículos com o software instalado.

Anfir traz clientes estrangeiros a São Paulo

23/11/2016 – Automotive Business



Um encontro reúne por dois dias em São Paulo 11 potenciais clientes estrangeiros do Chile, Colômbia, Peru e Honduras e 17 fabricantes brasileiros de carretas e equipamentos sobre chassi de caminhões para transporte de cargas.

Com o objetivo de promover as vendas externas do setor, a rodada de negócios da terça-feira, 22, e quarta-feira, 23, é patrocinada e realizada pela Anfir, associação nacional dos fabricantes de implementos rodoviários, e Apex, agência do governo brasileiro dedicada à promoção de exportações e investimentos no Brasil.

Entre os potenciais clientes estrangeiros que vieram a São Paulo convidados por Anfir e Apex, o maior grupo é o da Colômbia, com seis das 11 empresas presentes. Estão na lista Transportes Montejo, Juannas, El Condor, Cargo Handling, Vidrio Andino e também a Daimler Colombia, que representa no país as marcas de caminhões Mercedes-Benz e Freightliner.

Outros três representantes são sediados no Chile (Alo Group, Mercotrans e Cold Andina) e os dois restantes são do Peru (Stracongym) e Honduras (Grupo Tecun). Os 17 fabricantes brasileiros de implementos que negociam seus produtos no encontro são Fibrasil, Gascom, Grimaldi, Ibiporã, Labor, Mirassol, Pastre, Rodovale, Rossetti, Truckvan, Usimeca, Bercamp, Randon, Facchini, Egsa, Soprano e Rodolinea.

Com exceção de Honduras, todos os três países sul-americanos representados no encontro de São Paulo já receberam visitas de implementadores brasileiros este ano.

Em associação com a Apex, a Anfir aumentou os investimentos e criou uma agenda para promover as exportações do setor, que ganharam importância para compensar, ainda que parcialmente, a expressiva queda do mercado brasileiro de caminhões e implementos, com retração de 31% de janeiro a outubro em comparação com o mesmo período de 2015. Desde junho deste ano a entidade já organizou três missões empresariais para visitar potenciais clientes na América do Sul.

A primeira comitiva, formada por 14 fabricantes de implementos, teve como destino a Colômbia. A segunda foi realizada em setembro no Peru, com a participação de sete empresas na Expomina, feira do segmento de mineração. Em outubro foi a vez do Chile receber 11 exportadores brasileiros do setor.

As vendas externas de implementos rodoviários nos 10 primeiros meses de 2016 cresceram 24,2% em relação a 2015, mas as 2.914 unidades exportadas até o fim de outubro ainda têm baixa representatividade no total de negócios dos fabricantes, apenas 5,3%, ainda que este índice também tenha avançando bastante, pois foi de 3% em idêntico intervalo do ano passado.

Ford reabrirá 3º turno em Camaçari

23/11/2016 – Automotive Business



A Ford vai reativar em fevereiro o terceiro turno de sua fábrica de Camaçari (BA), onde são montados o EcoSport e a linha Ka (hatch e sedã). A notícia foi confirmada pela montadora e surpreende pelo fato de suas vendas terem recuado 32,4% no acumulado até outubro ante o mesmo período de 2015. Ainda quando considerados apenas os carros fabricados em Camaçari, a retração é de 21,3%, em linha com o que ocorre com o mercado brasileiro de automóveis.

Segundo o presidente da Ford para a América do Sul, Lyle Watters, a retomada do terceiro turno “ajuda a reforçar a competitividade para reagir às oportunidades do mercado”. Ainda de acordo com a montadora, o retorno se justifica pela demanda por Ka e EcoSport na América do Sul.

De acordo com o sindicato local dos metalúrgicos, em dezembro se encerra o layoff de 80 trabalhadores do setor de autopeças do complexo de Camaçari e mais adiante retornam 415 funcionários da Ford. Um documento produzido pela montadora e divulgado parcialmente pelo sindicato menciona a reativação do terceiro turno com capacidade reduzida.

“Para tanto, a empresa fará readequação com a atual mão de obra e com os trabalhadores que retornarão do TLO (layoff) em 14 de fevereiro de 2017.”

A produção do terceiro turno em Camaçari foi interrompida em março deste ano.

Seguradoras britânicas pedem legislação para carros autônomos

23/11/2016 – Automotive Business

As empresas britânicas da área de seguros, representadas pela ABI, uniram esforços para pleitear o desenvolvimento de uma legislação para carros autônomos. O plano é propor diretrizes que permitam identificar o culpado em caso de acidente, esclarecendo se o erro foi do motorista ou do sistema do veículo. A entidade recomenda que os dados sejam padronizados e, claro, abertos para investigação.

“Gostaríamos de ver fabricantes de automóveis e legisladores trabalhando em conjunto com a indústria de seguros para desenvolver um quadro que permita identificar responsáveis e entender o que aconteceu”, defende Peter Shaw, diretor da Thatcham Research, empresa de pesquisa que trabalha com a ABI na proposta.

As organizações destacam que a legislação para carros autônomos precisa evoluir mais rápido para acompanhar o avanço da tecnologia. A proposta é coletar dados do período que vai dos 30 segundos que antecedem um acidente aos 15 segundos depois dele.

São relevantes as informações do GPS, indicação se o veículo estava ou não em modo autônomo e qualquer outra ação do motorista, como um toque na direção, no pedal do freio e o uso ou não do cinto de segurança no momento da colisão.

Segundo a ABI, as informações coletadas nos acidentes são essenciais para apontar os responsáveis, informar as autoridades e serviços de emergência, garantir a operação das seguradoras, além de ajudar fabricantes de veículos a melhorar seus produtos.

Carros autônomos terão centro de testes nos Estados Unidos

23/11/2016 – Automotive Business



Começou a ser construída em Michigan, nos Estados Unidos, ampla estrutura para testes de carros autônomos, conectados e outras tecnologias de mobilidade. O projeto ambicioso, batizado de Michigan American Center for Mobility, ocupará área de mais de 1,4 milhão de metros quadrados, o equivalente a quase 144 campos de futebol. A estrutura será instalada no complexo industrial Willow Run, localizado na cidade de Ypsilanti.

A iniciativa é fruto de cooperação entre o Estado de Michigan, o Departamento de Transportes, a Universidade de Michigan e organizações empresariais. A ideia é garantir estrutura adequada para que montadoras e outras empresas ligadas ao setor testem, pesquisem e desenvolvam tecnologias.

Com isso, a região pretende dar mais um passo para se restabelecer como um polo automotivo global. Ao mirar na indústria automotiva, o Michigan American Center for Mobility pode acabar atraindo startups e empresas de tecnologia, que estão cada vez mais empenhadas em desenvolver veículos autônomos.

Outro objetivo importante do empreendimento é que empresas e governo trabalhem voluntariamente no desenvolvimento de padrões para carros autônomos. A NHTSA, órgão de segurança viária dos Estados Unidos está desenvolvendo as primeiras diretrizes para veículos com a tecnologia. A ideia é que, a partir daí, empresas e outras organizações interessadas possam interagir, debater e chegar a alguns consensos.

A estrutura do Michigan American Center for Mobility será ampla, com a simulação das diversas situações e variações climáticas que o veículo enfrentará em condições reais de uso.

Volksbus leva dois novos chassis à FetransRio

23/11/2016 – Automotive Business



A MAN Latin America mostra pela primeira vez o Volksbus 9.160 ODS com suspensão traseira pneumática e o 17.260 ODS com motor de seis cilindros e suspensão pneumática integral. Os novos modelos estão na FetransRio, evento dedicado ao

transporte de passageiros que ocorre de 23 a 25 de novembro no centro de convenções Riocentro.

“Ampliamos o portfólio de modelos com suspensão pneumática (...) O sistema a ar é mais resistente, robusto e reduz gastos com manutenção”, afirma o gerente executivo de vendas de ônibus da MAN Latin America, Jorge Carrer. Segundo a empresa, o Volksbus 9.160 ODS reúne conforto e resistência tanto no fretamento como em linhas municipais e intermunicipais.

Tem motor Cummins ISF 3.8, câmbio ZF S5 420 de cinco velocidades, sistema de troca de marchas por cabos e embreagem servoassistida, que reduz o esforço do motorista. Com 9 toneladas, tem entre-eixos de 4,5 metros, o que permite carroceria para até 32 lugares na operação de fretamento.

O Volksbus 17.260 ODS de seis cilindros utiliza motor MAN D08, com 256 cavalos. É vendido com transmissão ZF manual ou automatizada e tem suspensão pneumática integral.

Takata deve ser vendida até o fim do ano

23/11/2016 – Automotive Business



A crise financeira que a Takata enfrenta por causa do recall de milhões de airbags defeituosos vendidos globalmente pode chegar ao fim em breve. Informações da agência Automotive News Europe apontam que a empresa está perto de ser vendida para a Autoliv ou para a Key Safety Systems. A liderança da companhia japonesa pretende tomar a decisão e fechar o acordo até o fim do ano.

As duas empresas são as mais cotadas para o negócio por causa da experiência na produção de airbags e de outros dispositivos de segurança. Além disso, as companhias são as compradoras com maior potencial para arcar com os custos altíssimos do maior recall da indústria automotiva, com estimados 100 milhões de airbags problemáticos e reflexos esperados até 2019.

Outro desafio da empresa que adquirir o negócio será manter o suprimento estável de componentes para que as montadoras realizem a substituição das bolsas de ar nos carros envolvidos na enorme campanha.

Segundo apurou Automotive News, as montadoras preferem que o negócio seja fechado com a Autoliv, que é maior e, portanto, tem mais recursos para gerenciar o recall. A questão é que, se a compra da Takata acontecer, a empresa que já é líder do mercado de airbags terá participação superior a 50% no segmento.

Diante disso, entidades de defesa da livre concorrência podem barrar a negociação. Caso o acordo seja fechado com a Key Safety, a companhia subirá de quarta para segunda maior fabricante de airbags do mundo.

A venda é a única alternativa para a Takata. O enorme recall está associado a 17 mortes. Os airbags feitos pela empresa ficam instáveis quando expostos ao calor e à umidade por longo período. Em caso de colisão, o alojamento metálico que abriga o inflador da bolsa de ar pode se romper e projetar fragmentos no habitáculo do carro.

Sérgio Habib põe foco em mercado de usados

23/11/2016 – Automotive Business



Proprietário de 47 concessionárias de seis diferentes bandeiras, o empresário Sérgio Habib anda focado no mercado de usados como forma de enfrentar a queda de mais de 20% nas vendas de veículos zero-quilômetro: “Já vendo quase dois usados para cada novo, enquanto a média de mercado (nas concessionárias) é de um novo para cada 0,6 usado”, afirma Habib, que revende quase 1,5 mil modelos de segunda mão por mês.

“Este é o verdadeiro varejo. Quem manda no preço (dos usados) é o mercado. O preço cai, mas o mercado não cai porque é totalmente livre.” Habib citou momentos da economia em que a mudança de tributação sobre os novos fez despencar os preços de usados e o mercado assimilou as mudanças: “Em 2008, em uma semana os carros de R\$ 7 mil caíram para R\$ 4 mil. Com isso os de R\$ 12 mil caíram para R\$ 8 mil e os de R\$ 20 mil para R\$ 15 mil.”

Segundo o empresário, sua margem de lucro em cada unidade é a mesma nos dois segmentos: “Para o novo e para o usado ela gira em torno de R\$ 3,3 mil. E o usado tem como vantagem custos menores”, afirma.

Habib aproveitou a tecnologia para aprofundar ainda mais o domínio desse mercado. Sem revelar detalhes, ele desenvolveu um sistema (aparentemente, um aplicativo) para busca aprofundada de usados disponíveis, seja qual for o ano e modelo, e utiliza tanto como referência de preços como para captação de veículos no mercado.

Segundo a Fenabreve, federação que reúne as associações de concessionárias, os automóveis usados negociados de janeiro a outubro somaram 6,98 milhões de unidades, registrando discreta queda de 2,2% no confronto com igual período de 2015. O recuo é bem menor que o anotado entre os novos.

Pesquisa revela que metade das empresas brasileiras estão investindo em transformação digital

23/11/2016 – CIMM

Um novo estudo que avalia o nível de maturidade digital revelou que metade dos executivos brasileiros já estão investindo em transformação digital apesar de seus grandes desafios.

Conduzida pela Capgemini, prestadora de serviços de consultoria, tecnologia e terceirização, em parceria com a Pegasystems, empresa de software que capacita o engajamento do cliente nas principais empresas do mundo, a pesquisa revela que ainda há muito espaço para investimentos adicionais, assim como para um maior envolvimento dos funcionários das empresas com os programas de transformação digital.

“Com base em entrevistas realizadas com 150 executivos de alto nível (C-level) de empresas brasileiras de uma ampla gama de setores, incluindo varejo, bens de consumo, bancos e companhias de seguros, a pesquisa identificou que a pressão de novos entrantes no mercado, bem como os níveis de maturidade digital já existentes,

afetam a velocidade da transformação digital dentro das organizações. Contudo, aqueles que superarem estes obstáculos, tornando-se mais maduros digitalmente, colherão resultados relevantes", afirma Rodrigo Corumba, vice-presidente da Capgemini Brasil.

O relatório mostrou que, embora a definição de transformação digital pareça estar bem definida em muitas companhias, o compromisso da alta administração, bem como o compartilhamento e a promoção de um entendimento comum em toda a organização, tem sido um desafio. A comunicação e o envolvimento dos funcionários, em vez de serem impulsionadores para a transformação digital, são vistos como fatores limitantes em várias empresas, o que pode inibir o sucesso das mudanças.

De acordo com a pesquisa, as tecnologias digitais estão sendo usadas por essas corporações para entender melhor o mercado e seus clientes. Dentre os entrevistados, 63% afirmaram usar a internet de forma geral ou significativa para esse fim, 57% as redes sociais e 53% os serviços móveis, o que indica que a adoção de uma abordagem omnichannel tem sido importante para as estratégias de negócios.

No que diz respeito aos canais de acesso móvel, 39% dos entrevistados afirmaram empregá-los para promover bens e serviços, enquanto apenas 29% os utilizam para vender os seus produtos e serviços.

Especificamente nas mídias sociais, 46% responderam que estão fazendo uso de canais sociais para promover produtos e serviços, 41% para prestar serviços ao cliente e 37% para monitorar a reputação da marca. Sua aplicação como ferramenta de engajamento de clientes (38%) e como canal de vendas (35%) tem grande potencial de crescimento.

A pesquisa também descobriu que menos da metade das empresas empregam a análise de dados de forma significativa: 46% a adotaram para orientar o marketing de forma mais eficiente e 44% para otimizar os preços.

Embora a tecnologia digital seja usada, principalmente, como uma ferramenta de comunicação com o cliente, ela ainda não é explorada em todo seu potencial de segmentação de clientes e personalização de conteúdo. A análise é aplicada por 36% dos entrevistados para personalizar as comunicações, enquanto por 35% deles para qualificar potenciais perspectivas de vendas.

"Está claro, a partir desta pesquisa, que as empresas no Brasil têm oportunidades significativas para alavancar compromissos mais significativos e duradouros com o cliente por meio de um melhor aproveitamento de suas capacidades digitais", analisou Rob Spencer, vice-presidente e gerente geral da Pegasystems para a América Latina.

"Nossa colaboração com a Capgemini no Brasil está totalmente focada em entregar valor para as organizações que buscam aprimorar o envolvimento do cliente por meio de iniciativas de transformação digital".

Imigração de trabalhadores qualificados para São Paulo aumentou nos últimos anos

23/11/2016 – CIMM

A imigração para o Estado de São Paulo de trabalhadores internacionais do conhecimento – como são definidos profissionais qualificados, com ao menos um título universitário e que agregam valor econômico ao país por meio de sua formação intelectual e criatividade, como engenheiros e cientistas – aumentou mais de 40% nos últimos 10 anos.

Em 2006 São Paulo contabilizava 6.075 trabalhadores internacionais do conhecimento com vínculo formal de emprego. Em 2010, esse número saltou para 7.448 e, em 2015, atingiu 8.615.

Os dados, obtidos da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), do Ministério do Trabalho, foram apresentados por Rosana Baeninger, pesquisadora do Núcleo de Estudos da População (Nepo) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e coordenadora do Projeto Temático Observatório das Migrações em São Paulo, apoiado pela FAPESP, durante palestra na mesa que teve como tema "Ciência Política e Economia", na FAPESP Week Montevideo.

Organizado pela Asociación de Universidades Grupo Montevideo (AUGM), a Universidad de la República (UDELAR) e a FAPESP, o simpósio, que ocorreu entre os dias 17 e 18 de novembro no campus da UDELAR, em Montevideu, teve como objetivo fortalecer as colaborações atuais e estabelecer novas parcerias entre pesquisadores da América do Sul nas diversas áreas do conhecimento. Participaram do encontro pesquisadores e dirigentes de instituições do Uruguai, Brasil, Argentina, Chile e Paraguai.

"O Brasil, e especificamente o Estado de São Paulo, tem se inserido e se beneficiado da migração de mão de obra internacional qualificada e de sua inserção no mercado de trabalho nacional", disse Baeninger à Agência FAPESP.

De acordo com a pesquisadora, umas das razões do aumento da imigração de trabalhadores internacionais do conhecimento para São Paulo é a inserção do Brasil no novo cenário econômico internacional globalizado, marcado pela intensificação do fluxo do capital e da mobilidade da produção industrial.

A movimentação do capital internacional e da produção industrial fez com que aumentasse a demanda por mão de obra qualificada – especialmente a vinculada a setores como o de ciência e tecnologia – em diversos países, incluindo o Brasil, avaliou Baeninger.

"A imigração de trabalhadores internacionais do conhecimento para países como o Brasil, que na década de 1970 era chamada de 'fuga de cérebros', é um fenômeno que sempre existiu, mas se intensificou com essa nova configuração do mercado globalizado, em que as empresas passaram a demandar mais mão de obra qualificada, estimulando um novo fluxo de circulação de cérebros", afirmou.

O número de trabalhadores internacionais do conhecimento que mais tem aumentado no Estado, segundo o levantamento, é o de provenientes de países da América Latina, especialmente os que integram o Mercosul.

Em 2006, essa categoria de trabalhadores oriundos de países da América Latina, como Argentina, Bolívia, Chile e Uruguai, representava 33,23% da força de trabalho estrangeira qualificada no Estado de São Paulo. Em 2015, passou a representar 45%, apontou a pesquisa.

Uma das razões para esse aumento de participação, segundo Baeninger, foi um acordo firmado no âmbito do Mercosul que facilitou a concessão de visto de trabalho temporário para os cidadãos de países integrantes do bloco econômico.

"Países como a Argentina e o Chile sempre enviaram muitos desses trabalhadores para o Brasil, especialmente na década de 1970, quando estes países passaram por um período de ditadura militar. Nos últimos anos, contudo, a mobilidade da mão de obra qualificada desses países para o Estado de São Paulo tem aumentado em razão de fatores como a própria criação do Mercosul", indicou.

A maior parte dos trabalhadores internacionais do conhecimento atuantes em São Paulo e oriunda de países do Mercosul é homem. Nos últimos anos, entretanto, tem aumentado o número de mulheres.

Aproximadamente 88% dos trabalhadores, chamados de "supercriativos", têm curso superior completo, 4% realizaram mestrado e 8% doutorado.

Segundo a pesquisa, a mão de obra internacional qualificada está mais espalhada por cidades do interior ou próximas à capital, como Campinas, diferentemente dos trabalhadores do conhecimento provenientes de outras regiões do Brasil, que se concentram na Região Metropolitana de São Paulo, porta de entrada para esse tipo de imigração.

"Há uma forte presença de trabalhadores internacionais do conhecimento em cidades do interior paulista, onde ocorreu um aumento da instalação de fábricas de empresas multinacionais", disse Baeninger.

"São Paulo precisa aproveitar melhor as vantagens apresentadas por essa intensificação da imigração de mão de obra superqualificada", avaliou.

Benefícios

Entre os benefícios apresentados por esse fluxo de mão de obra qualificada para São Paulo, segundo a pesquisadora, estão a troca de conhecimento e a transferência de tecnologia.

Outra vantagem é que esse contingente de trabalhadores acaba demandando novos serviços até então disponíveis só na metrópole, como escolas que oferecem ensino em inglês e escolas de idiomas.

"As cidades menores acabam dinamizando seus processos de urbanização para atender a demandas qualificadas, construindo centros comerciais e shoppings, por exemplo", disse Baeninger.

Outra contribuição, na avaliação da pesquisadora, é a desmistificação da percepção de que no Brasil só há a "imigração da pobreza".

"À medida que a população das cidades do Estado de São Paulo vai se deparando com esse contingente de trabalhadores internacionais do conhecimento, isso contribui para demonstrar que também há, no país, um outro movimento de imigração qualificada", estimou.

O fluxo de trabalhadores internacionais do conhecimento é acompanhado pela imigração de força de trabalho não qualificada das mesmas origens dos primeiros, ponderou Baeninger.

Um dos exemplos desses fluxos migratórios confluentes é o da Bolívia, que ao mesmo tempo em que exporta mão de obra altamente qualificada para o Brasil, como médicos, também envia trabalhadores que atuam na indústria têxtil, em oficinas de costura.

"A existência concomitante desses grupos distintos de imigrantes em uma sociedade é importante para desconstruir preconceitos em relação a grupos de imigrantes no Brasil, como os bolivianos", avaliou a pesquisadora.

Alheios à crise

Na opinião da pesquisadora, nem mesmo a crise econômica deve arrefecer o fluxo de trabalhadores internacionais do conhecimento para o país, principalmente dos oriundos da América Latina.

Em 2010, por exemplo, os pesquisadores observaram que o fluxo de imigrantes qualificados da América Latina para o Brasil aumentou em relação aos anos anteriores, mesmo após o país ter sido fortemente afetado pela crise econômica mundial, iniciada em 2008.

“Constatamos que, após a crise, em 2008, o fluxo de imigrantes qualificados continuou aumentando em 2010, enquanto o de outras nacionalidades diminuiu”, comparou Baeninger.

“Minha hipótese é a de que continuará crescendo a imigração de trabalhadores internacionais do conhecimento para o Brasil, especialmente os oriundos de países do Mercosul”, estimou.

Siderúrgicas vão elevar preços de aço a distribuidores em dezembro, diz Inda

23/11/2016 – DCI

De acordo com entidade que representa os distribuidores, a CSN estaria comunicando sobre intenção de reajustar os preços na primeira quinzena de dezembro



As siderúrgicas Usiminas e CSN estão comunicando aos distribuidores de aços planos do país que pretendem fazer novos reajustes de preços a partir do início de dezembro, afirmou nesta terça-feira a entidade que representa os distribuidores, Inda.

"A Usiminas está comunicando sobre reajuste de 12 por cento na bobina a quente, 10 por cento em bobina a frio e 9 por cento em galvanizados e chapas grossas a partir de 1º de dezembro", disse o presidente do Inda, Carlos Loureiro. Segundo ele, a CSN estaria comunicando sobre intenção de reajustar os preços na primeira quinzena de dezembro.

Procuradas pela Reuters, Usiminas e CSN não comentaram imediatamente as informações.

Venda de aço plano por distribuidores no Brasil cai 8,3% em outubro, diz Inda

23/11/2016 – CIMM

A venda de aços planos por distribuidores no Brasil caiu 8,3 por cento em outubro sobre o mesmo período do ano passado, para 256,2 mil toneladas, informou nesta terça-feira (22) a associação que representa o setor, Inda.

O estoque na cadeia encerrou o mês passado em 911,9 mil toneladas, alta de 1,9 por cento ante setembro. Segundo o Inda, o volume estocado é suficiente para 3,6 meses de vendas

Para novembro, a entidade espera queda de 10 por cento nas vendas sobre outubro.

Maior cidade produtora de aço da China fechará mais fábricas contra poluição

23/11/2016 – R7

A principal cidade produtora de aço na China ordenou que muitas de suas fábricas reduzam a produção ou até fechem por até quatro meses, até março, em um esforço para limpar um nevoeiro de poluição que toma os céus.

Tangshan, uma cidade da província de Hebei, ao norte do país, vai procurar limitar a produção de aço exigindo que produtores reduzam as emissões em até 50 por cento no período de 15 de novembro a 31 de dezembro, segundo um documento publicado no jornal oficial do governo de Tangshan no fim da segunda-feira.

Fábricas de aço com instalações de sinterização-- que processam partículas menores de minério de ferro em pedaços-- que não possuem o equipamento de dessulfurização serão requeridas a fechar parcialmente durante o período, disse o documento.

As reduções podem ter um impacto limitado sobre a produção de aço de Tangshan, já que os altos-fornos, ou grandes máquinas usadas para produzir aço, basicamente não são impactados, disse Richard Lu, analista da CRU Consultancy.

"Isso na verdade não é novidade para a indústria de aço de lá, uma vez que o governo de Tangshan já implementou essas mesmas medidas diversas vezes esse ano", disse Lu.

Tangshan responde por cerca de metade da produção de aço de Hebei, onde quase um quarto do aço chinês é produzido.

Secretaria vê dumping em exportações de aço plano ao Brasil, mas pede mais informações

23/11/2016 – R7

A Secretaria de Comércio Exterior decidiu que exportações de aços laminados a quente para o Brasil feitas pela Rússia e pela China podem ser caracterizadas como dumping, mas pediu mais informações sobre o impacto à economia doméstica antes de impor sobrebretaxas.

Em nota publicada no Diário Oficial da União nesta terça-feira, a Secex "concluiu por uma determinação preliminar positiva de dumping e de dano à indústria doméstica dele decorrente, sem recomendação de aplicação de direito provisório".

O caso foi aberto após queixa feita em abril deste ano pelas siderúrgicas ArcelorMittal Brasil, Companhia Siderúrgica Nacional e Gerdau sobre exportações de "produtos laminados planos, de aço ligado ou não ligado, de largura igual ou superior a 600 milímetros, laminados a quente" em chapas ou bobinas.

A investigação foi aberta em julho deste ano. Laminados planos a quente de aço costumam ser utilizados em uma série de aplicações na indústria, desde autopeças e máquinas e equipamentos a vagões ferroviários e oleodutos.

Segundo a nota da Secex, "a despeito de haver determinação preliminar positiva de dumping, de dano à indústria doméstica (...) recomenda-se o seguimento da investigação, sem aplicação de direito provisório, para melhor averiguação das informações fornecidas pelas partes interessadas".

A China é origem de 53 por cento das importações brasileiras de laminados a quente no acumulado do ano desde janeiro, com um volume de 65 mil toneladas, seguida

pela Rússia, com participação de 35 por cento, a 43,4 mil toneladas, segundo dados do Instituto Nacional dos distribuidores de Aço (Inda).

No total das importações de aços planos, a China lidera com 60,5 por cento de participação e volume de 311,7 mil toneladas, seguida pela Coreia do Sul, com 10 por cento, e Rússia, com 8 por cento.

Consumo de aço no País retrocedeu uma década, afirma Usiminas

23/11/2016 – DCI

Neste ano, a empresa prevê um mercado de 9 milhões de toneladas



A Usiminas, maior fabricante de aços planos do País, prevê um consumo de 9 milhões de toneladas de produtos siderúrgicos em 2016 no mercado brasileiro. Segundo o presidente da empresa, Rômel Erwin de Souza, o volume representa uma queda de aproximadamente 40% nos últimos três anos.

Hoje, a capacidade nominal da empresa gira em torno de 9,5 milhões de toneladas de placas de aço. Desse total, 4,5 milhões de toneladas correspondem às áreas primárias da usina de Cubatão (SP), que foram paralisadas no início deste ano. Atualmente, a unidade opera somente a laminação.

Ainda de acordo com o executivo, a mineração também sofreu um impacto considerável em 2015. "Com os preços atuais do minério de ferro, fica inviável exportar o insumo", afirmou Souza nesta quarta-feira (23) em reunião com analistas.

Demanda por linha branca só voltará no fim do ano que vem

23/11/2016 – DCI



A retomada do segmento de linha branca (geladeira, fogão e lavadoras) deve ocorrer apenas no final de 2017, acreditam especialistas do setor. Até lá, o desafio das fabricantes no País será conciliar um mercado interno ainda retraído e os elevados custos de produção.

Na avaliação do diretor da consultoria GfK, Oliver Römerscheidt, a recuperação dessa indústria depende da "melhora concreta" da economia como um todo, indo além do aumento do otimismo dos indicadores.

"Ainda não vimos uma retomada consistente, apenas melhora de perspectivas para o próximo ano. A partir do momento que houver de fato maior emprego e renda, será natural que a demanda por itens de linha branca volte a aumentar", diz.

De acordo com Römerscheidt, este é um dos setores que mais sofre com a crise econômica e também é influenciado pela volta do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI), que teve alíquota reduzida entre 2009 e 2013 para impulsionar as vendas naqueles anos.

"Com o boom de consumo desse período, muitos itens do segmento foram trocados, então sequer temos demanda reprimida. Isso também colabora para que a recuperação demore um pouco", avalia ele.

O presidente do Centro da Indústria do Estado do Amazonas (Cieam), Wilson Périco, também não vê o início do próximo ano com muito otimismo. "Enquanto não tivermos retomada consistente da economia, o consumidor não terá confiança para comprar produtos de alto valor agregado.

Falta confiança e melhores condições para que a demanda aumente", afirma ele, citando a falta de crédito disponível e o endividamento das famílias como alguns dos entraves que deixarão a recuperação do setor para um horizonte ainda distante.

"Este ano já está perdido para a cadeia de linha branca. Esperamos um 2017 melhor, mas ainda teremos meses fracos, enquanto o aumento da demanda será gradual", prevê.

A gigante Whirlpool, dona das marcas Brastemp e Consul, teve receita de US\$ 800 milhões na América Latina no terceiro trimestre de 2016. Um ano antes a receita da companhia na região foi de US\$ 751 milhões. Em relatório trimestral, a fabricante projeta avanço em todas as operações ao redor do mundo. A exceção é o Brasil com previsão de vendas de 10% a 12% menores.

Já a rival Electrolux teve retração de 5,3% na América Latina no mesmo período, chegando a US\$ 442,2 milhões. De acordo com a companhia, o resultado foi pressionado pelo fraco desempenho dos mercados do Brasil e da Argentina.

Procuradas, as empresas não responderam ao DCI.

Custos

O presidente da Associação Nacional de Fabricantes de Produtos Eletroeletrônicos (Eletros) acredita que os desafios previstos do setor ao longo do próximo ano não se limitam apenas à baixa de demanda. Na opinião dele, a alta no preço do aço, principal insumo dos eletrodomésticos, já preocupa fabricantes há alguns meses.

"Com os aumentos constantes [do aço], a indústria não consegue repassar preço. Não adianta haver mais disposição para consumo se o valor final de uma geladeira está altíssimo. Não podemos ter tantas altas em uma matéria-prima tão essencial, a produção fica inviável", desabafa.

De janeiro a setembro, a produção fogões, refrigeradores e lavadoras caiu 5,7% em relação mesmo período, conforme levantamento do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Para Kiçula, parte desta retração já está relacionada ao aumento no preço do aço.

"A tendência é que a situação continue como está. Enquanto o preço da principal matéria-prima continuar subindo, não haverá saída para fabricantes e isso abre possibilidade para a compra de aço importado", arrisca o dirigente.

No entanto, comprar o insumo de siderúrgicas estrangeiras também pode gerar um alto custo para as fabricantes visto a variação cambial. Essa falta de previsibilidade também vem reduzindo as encomendas externas. Dados divulgados pelo Instituto Nacional dos Distribuidores de Aço (Inda) apontam que as importações de aços planos acumulam queda de 63,4% entre janeiro e outubro, somando 515.189 toneladas.

Ainda de acordo com o Inda, a Usiminas e a Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) estão avisando distribuidores de aços planos sobre novos reajustes de preços que devem ocorrer a partir do início do próximo mês. Este será o quarto reajuste de preço em 2016, que já acumula uma alta de 40%, segundo o presidente da Eletros.

Recentemente, algumas das mais importantes produtoras brasileiras de aço informaram que estão negociando ou já aplicaram reajustes para grandes clientes industriais.

Impasse

Na opinião do presidente executivo do Instituto Aço Brasil, Marco Polo de Mello Lopes, os constantes aumentos registrados no ano foram inevitáveis, uma vez que as siderúrgicas vivem uma das piores crises da história. "[Os aumentos] estão relacionados à oferta e demanda, nada além disso. Ao longo dos anos, os preços do aço sempre estiveram abaixo da inflação pelas condições de mercado e desta vez tiveram de subir", explica o executivo.

Especialistas acreditam que a tendência de alta do preço do insumo não deve perdurar por muito tempo. "Acredito que com a desvalorização do dólar seja possível ajustar um pouco melhor o mercado interno, tornando desnecessários reajustes constantes", avalia o economista da GO Associados, Luiz Fernando Castelli.

Para ele, uma coisa é certa: o impasse entre fabricantes e siderúrgicas ainda deve arrastar-se pelos próximos meses. "Quando o valor do insumo aumenta, a indústria tem duas opções: repassar preço ou absorver margem. Mas não há espaço para nenhuma das duas coisas no contexto econômico atual."

Trabalhar em família é a realidade na maioria dos pequenos negócios brasileiros

23/11/2016 – Portal Contábil



Dizem que misturar amizade e família com negócios pode ser arriscado. Mas a realidade brasileira mostra que 68% dos pequenos negócios reúnem parentes nos papéis de sócios, empregados ou colaboradores.

A conclusão foi obtida em estudo inédito produzido pelo Sebrae Nacional. A pesquisa considerou empresas familiares aquelas em que pai, mãe, avô, avó, filho(a), sobrinho(a), neto(a) ou cunhado(a) atuam como sócios, empregados ou colaboradores, com ou sem carteira assinada.

Os microempreendedores individuais também participaram da pesquisa, mas como o mais comum é que esses empreendedores trabalhem sozinhos, apenas 38% deles têm parentes envolvidos no negócio.

No entanto, mesmo quando os MEI são contabilizados, a média em todas as regiões brasileiras fica acima de 50% de pequenos negócios nos quais membros da família trabalham juntos. Nas empresas de pequeno porte – com faturamento anual entre R\$ 360 mil e R\$ 3,6 milhões – esse índice chega a 71%.

“O estudo mostra que as micro e pequenas empresas são a fonte de sustento de muitas famílias, o que só demonstra a necessidade de implementarmos cada vez mais políticas públicas que incentivem o crescimento desses negócios”, afirma o presidente do Sebrae, Guilherme Afif Domingos.

Dicas para o sucesso na empresa familiar:

- remunerar o integrante da família como qualquer pessoa de mercado, nem a mais e nem a menos;
- seja rigoroso na cobrança do cumprimento das funções, não pode haver privilégios; filho, marido ou esposa devem receber as mesmas capacitações dos demais colaboradores;
- a sucessão familiar nos negócios deve ser bem analisada. Não é porque o pai ama a empresa que o filho necessariamente terá o mesmo empenho e interesse;
- para implantar uma sucessão de sucesso, cabe verificar se o filho/neto compartilha da mesma paixão pelo negócio e vai transformar o interesse em gestão profissionalizada;
- empresas familiares com modelo de gestão complementar, com sócios em funções que se complementam, tendem a apresentar mais sucesso. Na sociedade entre pai e filho, não se pode transferir a hierarquia doméstica para o negócio. Dentro da empresa, se o filho se mostrar mais competente e capacitado, manda o filho.

Sistema tributário nacional é injusto, afirmam especialistas

23/11/2016 –Portal Contábil



A política de equidade e progressividade do sistema tributário nacional foi tema de audiência pública promovida nesta segunda-feira (21) pela Comissão de Assuntos Econômicos (CAE), por meio da Subcomissão de Avaliação do Sistema Tributário.

Para Pedro Delarue, diretor de Comunicação Social do Sindicato Nacional dos Auditores Fiscais da Receita Federal do Brasil (Sindifisco Nacional), o sistema tributário brasileiro é “absolutamente regressivo”. Ele destacou o fato de que os impostos sobre o consumo chegam perto dos 50% da arrecadação, o que encarece os produtos igualmente para todos.

Delarue defende a tributação sobre a renda e o patrimônio, de modo a exercer a progressividade: quem ganha mais, paga mais. Ele ressalta que os impostos sobre os bens que o contribuinte possui representam apenas 3,76% de tudo que se arrecada no país. O Imposto sobre a Propriedade Territorial Rural (ITR) corresponde somente a 0,04% da arrecadação.

O auditor lembra ainda que, enquanto o imposto sobre o rendimento do trabalho representa 57,3% do total do que é retido na fonte, o imposto de renda sobre o capital – os “investimentos dos ricos” – representam apenas 25%.

Delarue comparou o sistema tributário nacional ao dos Estados Unidos e do Canadá, onde os impostos incidem mais sobre a renda. Ele chamou de “distorção” a excessiva tributação sobre o consumo no Brasil.

– Nós temos que resgatar os princípios de justiça tributária. O Estado tem a obrigação de intervir para retificar a ordem social: criar um sistema tributário que seja capaz de distribuir renda. O sistema tributário deve favorecer o crescimento do PIB [produto interno bruto] per capita – defendeu o auditor.

Também participaram da audiência Junior Divino Fideles, procurador-chefe do Incra; Helder Rocha, auditor Fiscal da Receita Federal do Brasil; e Rozane Bezerra de Siqueira, professora do Departamento de Economia da Universidade Federal de Pernambuco.

Na opinião do senador Lindbergh Farias (PT-RJ), presidente da Subcomissão de Avaliação do Sistema Tributário, o grande problema do país não é fiscal. Ele aproveitou a oportunidade para criticar a Proposta de Emenda à Constituição (PEC) 55/2016, que institui o teto de gastos públicos para os próximos 20 anos. Segundo Lindbergh, essa política de austeridade de longo prazo, com “ajuste fiscal violento”, vai piorar a situação da economia brasileira.

– Nós tínhamos que ter era uma política desenvolvimentista, de crescimento. Com ampliação de investimentos e gastos sociais. Falta equilíbrio. O governo tinha que corrigir as distorções. Pobres acabam pagando muito, funcionário público paga 27,5% de imposto e os muitos ricos pagam apenas 6% do que recebem – observou.

Inadimplência dos pequenos negócios atinge nível recorde

23/11/2016 –Portal Contábil

Pesquisa inédita do Banco Central e do Sebrae aponta crescimento do acesso a crédito nos últimos quatro anos, porém, com aumento da inadimplência para 8%.

O acesso ao crédito pelas micro e pequenas empresas teve crescimento real de 35% entre janeiro de 2012 e agosto de 2016. Por outro lado, a inadimplência dos pequenos negócios foi de 3,08% a 8% no período avaliado. Os dados constam no levantamento inédito Indicadores de Crédito das MPE no Brasil, produzido pelo Banco Central e pelo Sebrae. O estudo foi apresentado na tarde de segunda-feira (21), na abertura do II Fórum de Cidadania Financeira, em Brasília (DF).

O último mês de agosto também marcou a maior taxa média de juros paga pelos pequenos negócios no período estudado: 43% ao ano. O lançamento do estudo ressalta a importância da mensuração de indicadores que norteiem as ações inclusivas dos pequenos negócios no Sistema Financeiro Nacional.

“Esse monitoramento permanente vai nos apoiar a aperfeiçoar o nosso trabalho, para que as micro e pequenas empresas tenham acesso cada vez melhor ao crédito, condição fundamental para que sejam bem-sucedidas”, avalia Heloisa Menezes, diretora-técnica do Sebrae Nacional.

Entre as iniciativas citadas por Heloisa para que as MPE contornem a crise, ela destaca o portal Virando o Jogo, que será lançado pelo Sebrae esta semana, com soluções e consultorias on line. Aos participantes do fórum, mencionou ainda o Mutirão de Renegociação e o Fundo de Aval à Micro e Pequena Empresa.

A diretora destacou ainda a parceria com o BC na promoção da Semana Nacional de Educação Financeira.

Como ponto positivo, a pesquisa mostra que de janeiro de 2012 a agosto de 2016, a proporção de pequenos negócios com operações de crédito passou de 29% para 39%. A cidadania financeira (conceito que abrange inclusão, educação e proteção aos usuários de serviços financeiros) é um tema no qual o Banco Central vem trabalhando ao longo dos últimos anos. A parceria com o Sebrae faz parte dessa iniciativa.

“O relatório que divulgamos hoje representa um avanço. Temos um caminho para proporcionar um acesso mais amplo ao crédito, por meio da educação financeira, para que tenhamos um fator de transformação das micro e pequenas empresas. Vamos continuar desenvolvendo ações para a educação financeira empreendedora, dando atenção especial aos microempreendedores individuais”, comenta Isaac Sidney Menezes Ferreira, diretor de Relacionamento Institucional e Cidadania do Banco Central.

Crédito para homens

A análise do perfil dos tomadores de crédito mostra a maioria de homens (69%), acima de 35 anos (66%), e com ensino médio completo (56%). Por porte, as microempresas, que faturam até R\$ 360 mil por ano, respondem por 62% do valor total das operações de crédito concedido às MPE.

O relatório partiu do cruzamento das informações de uma amostra de aproximadamente 3 mil pequenos negócios formais que participaram de uma pesquisa realizada pelo Sebrae, em 2015, com a base de dados do Sistema de Informações de Crédito do Banco Central (SCR).

O levantamento será atualizado a cada pesquisa aplicada pelo Sebrae. Para prover dados com maior frequência, alguns indicadores de crédito para as MPE elaborados a partir da base do SCR – portanto, sem o cruzamento com os dados do Sebrae – passarão a ser divulgados, a partir de 2017, no Sistema Gerenciador de Séries Temporais (SGS).

Operários da Paranapanema têm acordo e encerram greve

23/11/2016 – Diário do Grande ABC

Os 950 trabalhadores da Paranapanema, fábrica de tubos de cobre de Utinga, em Santo André, encerraram ontem a greve. O Sindicato dos Metalúrgicos de Santo André e Mauá negociou com a empresa reposição integral da inflação medida pelo INPC (Índice Nacional de Preços ao Consumidor), que nos 12 meses encerrados em outubro atingiu 8,5%.

“Na atual conjuntura de crise, trata-se de vitória importante. Apesar de não ter aumento real, pelo menos os funcionários não ficarão no prejuízo, e terão o aumento de uma só vez retroativo a 1º de novembro”, assinala o diretor da entidade Adilson Torres, o Sapão. “Obtivemos êxito graças à adesão maciça à greve. Não tivemos de convencer os operários a cruzar os braços. Esse foi o grande diferencial.” Com isso, o piso salarial de R\$ 1.600 passará para R\$ 1.736, já o rendimento médio, de R\$ 4.000, chegará a R\$ 4.340.

A planta da Paranapanema ficou paralisada por quatro dias. Desses, metade será absorvida pela companhia e, o restante, será compensado com aviso de uma semana de antecedência. “Não haverá desconto em folha. Foi um dos melhores acordos que obtivemos na nossa base.”

O vale-alimentação, que estava havia dois anos sem correção, vai passar dos atuais R\$ 89 para R\$ 140, aumento de 58%. O pleito era de alta de 68,5%, para R\$ 150.

"Se tivéssemos apenas o reajuste inflacionário acumulado, de 30%, chegaríamos a R\$ 116", compara Sapão.

Estava marcada para ontem à tarde audiência no Tribunal Regional do Trabalho, para que a paralisação fosse julgada, o que não foi necessário, haja vista que o acordo foi atingido pela manhã.

As próximas negociações do sindicato serão com a Arconic (ex-Alcoa), com 350 empregados, Prysmian, com 250 operários, e Novelis, com 100, totalizando 700 profissionais.